













ANTONIO TORRES

*Carmen*

*Tropicale*

VIBRAÇÕES

LIVRO DE EROS

CAVALGATA DA MORTE

SOMBRA QUERIDA...

RIO DE JANEIRO

1915





*Carmen*

*Tropicale*





ANTONIO TORRES

---

*Carmen*

*Tropicale*

VIBRAÇÕES

LIVRO DE EROS

CAVALGATA DA MORTE

SOMBRA QUERIDA...

RIO DE JANEIRO  
1915





# Vibrações





# Sonhador

(A Adolpho Porto)

Ouvi : nunca está só quem pensa, nunca!  
É como um rei que leva como pagens  
As chimeras, os sonhos e as imagens...  
Jamais sobre elle crava a garra adunca

O abutre-solidão. Sorrindo junca  
A alma do Sonhador as mais selvagens  
E ermas estradas de elfos e miragens  
E fadas e castellos... A espelunca

Mais lobrega, mais triste, mais escura  
O alvor do Pensamento a transfigura  
E enche-a de luz e irradiações de luar...

Tudo se anima ao germinar de um sonho  
E faz-se claro, edenico e risonho  
Para a visão de quem souber sonhar...

## Sylvae amor

Vou pelas vastidões deserticas e adustas  
Do sertão brasileiro a ruminar chimeras. . .  
Impelle-me a paixão das solidões augustas  
Onde o Sol illumina extranhas primaveras.

Atravesso a floresta esplendida e encantada,  
Viride como o dorso ondeante das serpentes,  
Vicejante mulher de fôrmas envolventes  
Que por labio nenhum foi inda profanada. . .

Atravesso-a a sorrir, de surpresa em surpresa,  
Como quem, ao beijar o corpo nu da amante,  
Descobre em cada curva uma nova belleza  
E novas seducções de instaute para instante...

Percorro-a como um deus — ouvindo-lhe o murmurio  
E a Vida lhe infundindo em cada tronco annoso,  
Saudando da palmeira o estipe e o leque airoso,  
Beijando em cada orchidea o calice purpureo.

O' selva tropical, minha amante venusta,  
Dissolva-se o meu ser na essencia da tua Vida!  
Quem sabe si no fim de uma floresta augusta  
Eu não encontrarei Brunnhilde adormecida? . . .

## VIBRAÇÕES

Um dia hei de te amar sem medo e, sem receio,  
Diluir-me-hei dentro em ti, Nirvana tropical!  
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio  
E integrar-me, por ti, na Vida universal.

Que tristeza dormir ao marmore das lousas,  
No ermo de um Campo Santo, á sombra dos cyprestes  
Não ! Eu quero aspirar os perfumes agrestes  
E, inda depois de morto, amar a alma das cousas...

Porque temer a Morte, a ideal metamorphose  
Cheia de seducções, effluvios e amavios ?  
Nós devemos gozar da Morte a apotheose  
Longe da gelidez dos marmores sombrios.

Não ! Não quero dormir numa capella mystica,  
Na morna solidão de estatuas e de altares.  
Dormirei na floresta e, á noite, á luz dos luares,  
Faremos, eu e Pan, a festa pantheistica...

E enquanto o Sol mandar o seu calor á Terra,  
Amando e fecundando a selva luxuriante,  
Ha de pela floresta andar meu ser errante,  
Gozando sem cessar a vida que ella encerra.



## VIBRAÇÕES

O' selva tropical, ó minha amante amada,  
Guarda só para nós nosso leito d'alfombra...  
Espera-me, eu irei repousar á tua sombra  
Guarda-me o teu amor, Vestal immaculada.

Eu te serei fiel. Do Campo Santo odeio  
A tristeza sem fim, dramatica e fatal.  
Quero, quando eu morrer, descansar no teu seio  
E integrar-me, por ti, na Vida universal...

## A JESUS QUE SE CHAMA CHRISTO

### I

Christo, ó doce visão, alma feita de luares,  
Quão longe estás de nós ! Quão longe, quão distante  
Dos barbaros que, á sombra agreste dos palmares,  
Deciframos da Vida a inspiração gigante !

És mystico de mais, e o nosso sensualismo  
Navega a todo panno e impulso de mil remos.  
Não te entendemos mais, nunca te entenderemos  
Na doçura de mel do teu orientalismo...

Que pena não podermos mais te comprehender,  
O' barbaro subtil das plagas da Judéal  
Agora-dizem-só devemos combater  
As pugnas do Trabalho e as pelepas da Idéa...

Porque subiste ao céo, ó Filho de Maria ?  
Porque não fallas mais ás turbas silenciosas ?  
Vem ! Queremos ouvir de novo a litania  
Dessa voz que venceu as ondas procellosas.

Vem contemplar connosco as ondas destes mares  
Que reflectem o azul das nuvens tropicaes.  
Descansarás á tarde á sombra dos pomares  
Que para nós plantou o amor dos nossos paes.

Não acharás de certo a raça scismadora  
De que nasceu Maria, a Torre de David;  
Nem tornarás a ver a gente sonhadora  
Das tribus de Israel, Judá e Nephtali.

Si viesses, meu Jesus... É preciso desceres  
De novo a nos pregar todas as esperanças,  
Ensinar-nos a ouvir a musica dos seres,  
Pregar-nos novamente as bemaventuranças...

Perdeu-se o que ensinaste; o teu ensino é morto  
Como a luz de um fanal que de manhã se apaga;  
E da Agonia atroz daquella noite no Horto  
Só nos resta na mente uma lembrança vaga.

Para tua doutrina ha muito que anoitece.  
És a recordação de um bem que não vem mais;  
E o sangue que verteste apenas enrubece  
A purpura orgulhosa e ovante dos cardeaes.



## VIBRAÇÕES

Vem fazer entre nós apparecer um santo !  
Dá-nos vida interior, attrahe-nos para o azul !  
Christo, desce dos céos e cobre com o teu manto  
Inconsutil de Ideal os barbaros do sul.

No nosso coração encontrarás areias  
E a gneissica aridez das rochas de granito.  
Lança-nos na alma, pois, estrellas ás mãos cheias,  
Tu, cujo Pae semeou vias-lacteas no Infinito...

## Cedros

(A Olegario Mariano)

O' cedros das montanhas escarpadas !  
Sois mais felizes do que o homem. Vibra  
Dentro do vosso cerne, fibra a fibra,  
O orgulho das alturas conquistadas...

Contra o embate dos ventos e nortadas  
Flora os troncos e as frondes equilibra,  
Enquanto a carne do homem se desfibra  
E se desfaz nas campas ignoradas...

Que nos espera ? A Vida ou a Morte ? Ignoro...  
Mais felizes sois vós : de cada toro  
Que o machado derruba e a enxó solinha

Póde um primor nascer: — uma columna  
Alta e nobre, um altar, uma tribuna,  
Ou os relevos de um leito de rainha...

## Tannhaüser

( A Goulart de Andrade )

I

Sonhei que era Tannhaüser ! Tinha escudo,  
Armadura, montante, adaga e lança.  
E via a Gloria, o Amor, a Vida e tudo  
Atravez da esmeralda da Esperança...

Gozei, nas velhas cathedraes do Norte,  
Do mysticismo a sensação extranha . . .  
Depois beijei a carne ardente e forte  
Das mais bellas mulheres da Allemanha.

Quantas lanças quebrei, lanças gloriosas,  
Na vertigem das justas e torneios !  
Quantas de vós, ó castellãs formosas,  
Não venci com solaus e galanteios !

Corri longas estradas, com os margraves,  
Ao galope furioso dos corceis,  
Só para ouvir, nas còrtes dos langraves,  
De Nuremberg os velhos menestreis.

Puz a cota de malha dos guerreiros;  
Desembainhei a espada leve e fina  
E fui com os meus irmãos e cavalleiros;  
Combater por Jesus na Palestina.



Vibrei golpes fataes que retalhavam  
 Meu coração sentimental de poeta,  
 Ao mesmo tempo que dilaceravam  
 As carnes dos guerreiros do Propheta.

Vi com os guerreiros medievaes do Rheno,  
 Entre o chocar indomito das armas,  
 Quentes rubis de sangue sarraceno  
 Tremulando nas pontas das bisarmas.

Cavalleiros sem macula e sem medo  
 Quantos venceu a fôrça do meu braço !  
 Quantas laminas finas de Toledo  
 Não embotou minha armadura d'aço !

## II

O amor ! Tambem o tive ardente e estuante  
 Como o ouro a referver em mil crysoes,  
 O amor exclusivista e escravisante  
 Que só desponta em corações de heróes...

Esta, morena; aquella, loura e langue ;  
 Aquell'outra, rosada; est'outra, pallida;  
 De todas ao calor ferveu-me o sangue  
 Como palpita ao sol uma chrysallida...

## VIBRAÇÕES

Tive dentro de mim, dentro do peito,  
Estradas de Sant'Iago e sóes e luares;  
Logo depois de um temporal desfeito,  
Ardencias tropicaes, caniculares...

O amor o coração me calcinava  
Como o fogo infernal de mil fornalhas;  
E era então que o meu sêr se atormentava  
Na saudade infinita das batalhas...

Que a padecer do amor os acicates  
E combater dos zelos os cardumes  
Eu prefiro arrostar em mil combates  
Lanças em riste e espadas de dois gumes.

Muita vez preferi, quando os venenos  
Soffri que Amor dentro em si mesmo encerra,  
Aos beijos — os alfanges sarracenos,  
E a uns braços de mulher — o trom da guerra...

Vibram golpes profundos e certos  
Olhos que não trocamos por thesouros;  
Cortam menos as carnes dos guerreiros  
Os alfanges heraldicos dos mouros...

Fatigado dos braços nús de Venus;  
Saturado de amor, de beijos farto,  
Eu afoguei os meus ideaes terrenos  
Sob a aspereza de burel de esparto.

Pelas estradas, ermas como algares,  
Desde os montes da Hungria aos Appeninos,  
Resoavam as tristezas tumulares  
Do canto sepulcral dos peregrinos.

Fui orar nas basílicas de Roma,  
A' meia-luz devota dos vitraes;  
Orei, orei sorvendo o forte aroma  
Do incenso dos thuribulos rituaes.

Depois... como a resina toda em fumo  
Se desfaz, nas caçoilas das sultanas,  
E se espirala e sóbe e vae, sem rumo,  
— Gozo das odaliscas ottomanas !—

Os ares perfumando e idealisando,  
Até diluir-se pelo espaço infindo,  
Assim meu sêr, aos poucos se integrando  
No fumo que do altar ia subindo,

Todo se fez em fumo perfumado  
Que subia em volutas pelos ares;  
E eu remontei aos numes transformado  
No perfume do incenso dos altares...



## Manon

( A Abadie de Faria Rosa )

Às loucuras do amor predestinada,  
Foste bella e infeliz. Partiu-se cêdo,  
Sobre as rochas de tragico fraguado,  
Da tua vida a vaga apaixonada.

Alma fragil, do luxo enamorada,  
Desconheceste o amor tranquillo e lêdo.  
Fez-te o teu coração ardente e tredo  
Perjura e amante, fementida e amada !

Não conheceste da pureza a gemma,  
Nem a virtude leve e superfina  
De que Penelope é immortal enblema.

Mas não ficaste só, mulher felina,  
Tua perfidia é a synthese suprema  
Da universal perfidia feminina. . . ,

# Carmen barbarum

(A Hermes Fontes)

Quando eu ha dias orava  
Na cathedral da Floresta,  
Ouvi uma voz que cantava,  
Um canto heroico de festa.

Era uma voz fragorosa  
Como o clangor das trombetas,  
Echoando, vertiginosa,  
Por estrellas e planetas.

Toda em impetos sonoros,  
A selva inteira vibrava,  
Emquanto em surtos canoros  
A natureza cantava :

“ Barbaro ! exalta e decanta  
A Fôrça, o Heroismo e a Vingança !  
Canta as espadas e canta  
O punhal, a adaga e a lança.

Sorve todos os perfumes;  
Sorri a todos os mares;  
Remonta a todos os cumes,  
E desce a todos os valles !

Abrange com o teu olhar  
A immensidade dos mundos !  
Fita os teus olhos profundos  
Sobre a vastidão do mar !

Passa por sobre os escolhos  
Penetra na cerração,  
E aprende a fitar os olhos  
Nos mares do coração.

Passa por sobre as arestas  
Das montanhas azuladas,  
E todas as madrugadas  
Respira o ar das florestas.

Os deuses ali pozeram  
Uma raça de titães:  
Foi das florestas que vieram  
Nossos paes e nossas mães.

Ellas são o templo augusto  
Do Ignoto que anima os mundos;  
Em cada tronco robusto  
Ha de um deus sulcos profundos...



Sê constante, ardente e rudo  
No culto eterno de Vesta.  
E adora acima de tudo  
O perfume da floresta.

Aspira o cheiro embriagante  
Da seiva pela manhã,  
Que te tornarás possante  
Como um fauno ou um egípcio.

Si um seio é um fructo maduro,  
Sorve-lhe a essencia aromal;  
Conserva-te sempre puro,  
Na innocencia do animal.

Forte, altivo, sem caricias,  
Nunca dês teu coração.  
Goza do amor as delicias,  
Como o jaguar no sertão

Olha a mulher como serva;  
Não lbe dês os teus cuidados;  
Ama-a como o veado a cerva  
Nos ermos dos descampados.

## VIBRAÇÕES

Derruba-a com furia brava  
Debaixo de fero jugo.  
Que importa que a tua escrava  
Te considere um verdugo?

Trema, ao ver-te, como a còrça  
Quando fulvo leão avista.  
Corre sobre ella e conquista  
O seu amor pela fôrça.

Si chorar, ri do seu pranto!  
Si se rir, fal-a chorar!  
O choro da escrava é um canto  
Que só te deve alegrar.

Ninguém se atreva a fitar  
Os olhos na tua escrava  
Sem logo e logo tombar  
Ao peso da tua clava.

Sê feliz! Ama a Belleza!  
Seja-te a Terra florida!  
E, dentro da Natureza,  
Ama a Lucta, o Amor e a Vida.»

## A tristeza dos corvos

(A Marques Pinheiro)

A tristeza dos corvos, a tristeza  
Em que elles sobre as arvores meditam,  
Vem de todos os seres que se agitam  
Dentro da alma de toda a Natureza.

Sentindo o cheiro putrido da presa,  
Nos problemas da morte elles meditam,  
Chorando, quando grasnam e crocitam,  
Toda a ventura que lhes é defesa...

Filhos da morte, soffrem neste mundo  
Toda a immensa tortura das gehennas  
— Dôr de viver sem nunca ter vivido!

Trazem na magua desse olhar profundo  
E no lucto perpetuo dessas penas  
A tristeza ancestral de haver nascido...



## Sorriso de Gioconda

(A Nogueira da Silva)

Quando um raio de sol doirado e bemfazejo  
Penetra da sua alma a escuridão gelada,  
Expande-se-lhe o rosto e á bocca afflora o beijo  
De envolta com o seu rir que estala em casquinada.

Si ella ainda alimenta as flôres-illusões,  
Que são da mocidade o esplendido apanagio,  
E' que, embora a lutar com as vagas e tufões,  
Sobrenada uma ou outra á procella e ao naufragio.....

Seu riso lembra o som mystico de um psalterio;  
E teria de errar nas sombras do indeciso,  
Do limiar de um segredo á porta de um mysterio,  
Quem tentasse fazer-lhe a synthese do riso.....

E' que ao ver-lhe o ar tranquillo e calmo e repousado,  
Ao vel-a assim sorrir, certo ninguem suspeita  
Que, dentro desse rir sereno, geme, ao lado  
De cada sonho morto, uma illusão desfeita.....

## A' Musa

Cantem outros da Vida os magicos aspectos;  
Vejam outros na Vida estrellas e fulgores;  
Ignorem o soffrer, os odios e os rancores,  
Para em tudo enxergar phantasticos Hymetos;

Eu vejo, desde o Sol ás larvas e aos insectos.  
Atravez da illusão vernal de sons e còres,  
A forte realidade unanime das dôres,  
Da Vida universal nos adytos secretos...

Amem outros a Fôrma esplendida e sonora;  
Vejam em cada chaga o palpitar de um ninho.  
E, em cada campá aberta, o lume de uma aurora...

Musa ! teme da Vida o envenenado vinho,  
Nem te deixes levar, philomela canora,  
Pelo seu perigoso e tredo redemoinho.

# Livro de Eros





## Deusa ignota

(A Oscar Lopes)

Essa flôr principesca e senhoril que, extático,  
Vi passar hoje envolta em sedas e pellicas,  
Nasceu nalgum castello á beira do Adriatico,  
Em que ha ameias, bastiões e pontes levadiças.

Alva, esguia, lembrando um minarete asiatico,  
Onde fulgem á noite almenaras morticças,  
Quando passou, senti no seu todo enigmatico  
O encanto espiritual das rosas outomniças...

Passou soberba, altiva, indifferente, impavida,  
Sem notar que a seus pés, louca, faminta e avida,  
Uma alma se atirava escravizada e humilde.

Só me restou no peito heril de sonhador  
A indomita paivão e o insatisfeito amor  
De um Siegfried que tentasse em vão achar Brunhilde...

## Aspirações

São tristes e sem còr as flôres desta Musa,  
Que tem a pallidez das visões erradias  
E nunca ouvio da Vida as fortes harmonias.  
Ella só tem ouvido as pobres melodias  
De avena pastoril e agreste cornamusa.

Pobre musa ! Ella ignora esses conceitos raros,  
Fulgidos e subtis que nos albuns se escrevem.  
Ella é como os fellahs do Amor que não se atrevem  
A decifrar tenções fidalgas que se inscrevem  
Na branca fulgidez dos marmores de Paros...

Ella tem sido a humilde irmã dos infelizes;  
Não conhece nem reis nem doges nem caciques;  
Jamais teve europeis nem joias e arrebiques;  
Adora os mesteiraes, os servos e os mujicks;  
De santos beija o altar; de heróes, as cicatrizes...

Exilada do Amor, suspira por antanho,  
O tempo dos corceis, guerreiros e armas finas,  
Donas de devoção, temendo as leis divinas;  
Sonoros carrilhões repicando matinas,  
E pastores gentis pascendo o seu rebanho...



Que vos póde dizer, Dona dos tempos novos,  
Musa saudosa assim dos idos tempos velhos,  
Quer thronejassem sobre o Olympto Venus e Helios,  
Quer Papas - Reis, vibrando espadas e Evangelhos,  
Regessem o porvir das raças e dos povos ?

Entretanto, tranquilla, impavida e serena,  
Ella aguarda sómente ordem do vosso olhar,  
Disposta a combater. disposta a conquistar  
O ouro todo do Sol, toda prata do Luar,  
Mais forte e varonil que um gladiador na arena.

## II

Como um sonho a surgir de um coração profundo,  
Colorindo visões, crystallizando imagens,  
Ella irá, como um Sol de muitos sóes oriundo,  
Errante, percorrendo exóticas paragens,  
De flôr em flôr, de sol em sol, de mundo em mundo,  
À cata de illusões, em busca de miragens.

Sahirá veloz, ruflando as azas aquilinas,  
Por valles e alcantis, voando de serra em serra,  
Entrando como o alvião no coração das Minas,  
Exaurindo-lhe o sangue e a vida que elle encerra  
- As esmeraldas, o ouro, as pedras diamantinas -  
Roubando-as ás regiões ignívoras da terra...

III

Ou permitisse acaso a sorte ignota e varia,  
Não vos depunha aos pés bandeiras conquistadas,  
Mas terieis de certo aos montes a ás braçadas  
As mais ornamentaes das rosas da Bulgaria;

Toda a flora especial das neves da Suecia;  
Cravos de Portugal, tulipas de Marpurgo;  
Rainunculos da Italia, anemonas da Grecia;  
Orchideas do Pará, violetas de Friburgo...

E aos poucos, docemente, o vosso ser, Senhora,  
la-se transformando em flôres palpitantes  
- Luminosa eclosão de uma estatua de Flora  
Toda irisada de ouro e pedras rebrilhantes.

E serieis, com todo esse floral thesouro,  
Soberana maior do que as do Egypto e Roma,  
Pois terieis, além da majestade do Ouro,  
A nobreza da Còr e o prestigio do Aroma...

Então um grande amor, sem termo e sem medida,  
Surgindo do meu peito, a esplendida figura  
Vos cercava de leve, aos poucos, toda a vida,  
Num delirio de luz, de um hallo de ternura...

. . . . .

IV

Mas tudo isso, Senhora,  
E' distante de nós como da terra o Sol.  
É rapido e fugaz como o rubor da aurora,  
Passageiro e subtil como um fim de arrebol.

Ha um mundo em que um amor em outro amor se incarne  
E para sempre um ente outro ente ame e despose,  
O labio unido ao labio, a carne unida á carne,  
As almas numa só mutua metempsychose ?...

Ao Sol, á Lua, ao Mar, ás estrellas no Espaço;  
Ao movimento do Orbe, aos sismicos abalos;  
Ao fogo subterraneo, ao ouro, ao ferro, ao aço;  
Aos zoophitos subtils e aos perfidos esqualos;

Aos corações pagãos e ás almas evangelicas;  
Aos mundos por nascer e aos mundos em declínio;  
Ao riso de Satan e ás phalanges angelicas;  
Ao sentimentalismo e á friez do raciocínio;

A todos perguntei, a tudo interroguei  
Si existiria acaso um atomo de mundo  
Com esse eterno Amor. Responderam: “É Lei  
Que seja sempre o Amor versatil, não profundo !...”

Ha alguém-Deus ou Satan? - que a todos nos impelle  
Aos braços da Mulher. Saciamo-nos. Depois...  
O que antes nos uniu nos separa e repelle,  
Nos enfada e nos faz odiarmo-nos os dois...

Queremos aspirar a flôr da phantasia  
Num amor immortal !.  
Mas o genio terreal da Especie nos sacia,  
Arranca-nos ao Sonho, atira-nos ao Real  
Aponta-nos da Vida a estrada erma e sombria...



## Poemeto dos olhos

Olhos dessa que eu amo, olhos cheios de maguas,  
Que recordam a lisa escuridão das aguas

Que correm

Por sobre alveos escuros...

Elles a cada instante agonisam e morrem,  
Na amarga previsão de martyrios futuros....

Lagos a reflectir soturnos firmamentos,  
Sem querer, traduzis incoerciveis tormentos

Sem nome...

Olhos de visionaria,

Que uma secreta, atroce e immensa dôr consome,  
Psalmodiando canções de eterna passionaria...

Recordais, a gemer, macerações de ascetas  
No profundo livor còr das rôxas violetas

Que tendes

Nessas fundas olheiras...

Na vossa doce luz ha phantasmas e duendes  
Que deixam apoz si luminosas esteiras...

Nelles, um Deus de Amor scintilla em cada olhar,  
E em cada um delles brilha e fulge e vive um luar  
Serenos

Como a alma de um justo.  
No seu brilho uma vez vi o montante de Brenno  
Fulminar-me com seu poder immenso e augusto...

Suaves para o opulento, humildes para o pobre,  
No entanto em seu olhar o meu olhar descobre  
D'antiga

Prosapia as nobres linhas...  
Tristes, nelles soluça a agridoce cantiga  
Que o nauta sóe entoar nas vastidões marinhas...

Nelles canta aromaes hosannas a alvorada.  
Quando elles olham, são alegre madrugada,  
Que surge  
Para gloria do mundo.

Sóes a cujo calor meu coração resurge  
Do sepulcro da Dôr solitario e profundo...

Elles trazem o doce e estranho mysticismo  
Dos santos medievaes, no luminoso abysmo  
Sem fundo

Das candidas retinas  
—Syntheses virginaes das glorias de Além-Mundo,  
Centros angelicaes de suggestões divinas...

Recordam, num olhar, velhas lendas assyrias,  
E resumem a gloria extincta das Walkyrias

Na luz

Que o sonho me illumina  
—Doces constellações de onde jorram a flux  
Luares, astros e sóes em rutila neblina !...

Nesses olhos de Esphinge, estranhos, cabalisticos,  
Onde cantam, em paz de ascetas, sonhos mysticos

De amor

Purissimo e sem termo,  
Diviso corações que, mudos de terror,  
Vão de abysmo em abysmo, errando de ermo em ermo...

As torrentes de luz que desses olhos caem  
São philtros celestiaes, que os corações attrahem

Acima,

Ao reino do Ideal...

E em prol do seu fulgor terço a lança da rima,  
Vendo nelles o meu excelso Santo Gral...

II

Esses olhos, quem sabe ? a longinquas espheras  
Pertencem. São talvez estrellas extraviadas  
Do seu rumo normal, para serem cravadas  
Nesse rosto que inspira amores de outras eras...

Querem ter expansão latentes primaveras  
Dentro delles, onde ha florestas encantadas  
Em que, ao entardecer, cantam gnomos e fadas  
Num longo espreguiçar de languidas chimeras...

Os deuses, ao morrer, dentro delles ergueram  
O seu Olympo, e ali, zelosos, recolheram  
Desde os zelos de Juno á colera de Marte...

Por isso é que elles têm a belleza perfeita,  
Com que resume o olhar dessa mulher eleita.  
Junto a um sonho de Amor, um grande sonho d'Arte...



## O ESCRINIO

Abres o escriptorio, ó esplendida e triumphante  
Mulher de carnação eburnea e rara,  
E logo o escriptorio aos olhos te depara  
Todo um thesouro farto e scintillante.

Vês ? o beryllo ao lado do diamante,  
O negro onyx, a agua-marinha clara,  
A perola de Ophir, soberba e cara,  
Tudo num brilho forte e allucinante !...

E, ao vel-a, logo o espirito adivinha  
Que todo essa riqueza aurifulgente  
Vae ornar o teu collo de rainha.

Ah ! faria a abastança do indigente  
Que de morrer á fome se avisinha,  
Uma só dessas perolas do Oriente!...

SCHERZO...

Passar um dia, ó querida,  
Sem te ver é o mór tormento  
De minh'alma a ti rendida,  
Causa do meu soffrimento,  
Minha santa, minha vida.  
Meu respirar e meu alento!

Vida que minh'alma vive  
Em regiões desconhecidas,  
—Terras onde nunca estive,  
E onde, em guerras e batidas,  
Tudo morre e, apoz, revive  
Para os furores omnicidas !...

Sonho que minh'alma sonha  
De grandezas romanescas  
Em castellos na Borgonha,  
Pedrarias nababescas  
D'aguas do Jequitinhonha,  
Onde ha riquezas principescas !...

Canto que minh'alma canta,  
Forte como quem se fôra  
Combater na Terra Santa !  
De meu ser dominadora !  
Luar que a Terra toda encanta,  
Bella Walkyria scismadora !

Flôr d'alegreses plantados  
Nos jardins d'algum rei mouro !  
Podesse eu, como os mikados,  
Guardar-te como um thesouro  
Em castellos encantados,  
Feitos de bronze, prata e ouro !

## Copacabana

Querida ! olha do mar a audacia soberana !  
Contempla este primor das brasileiras plagas !  
Vem gozar a delicia sobrehumana  
De ouvir e comprehender a musica das vagas...

Não cuidas divisar ao longe, sobre a serra,  
Ameias de um castello medieval ?  
Passaram perto delle, esquipadas em guerra,  
As galeras d'El-Rei de Portugal.

Ouve os gemidos querulos das ondas;  
Ouve o immenso clamor, ouve e soffre com ellas...  
Ellas choram ainda as malanças hediondas  
Que fizeram as lusas caravellas...

Eu quizera escrever nas rochas de granito,  
Com a tinta azul do mar, ao nosso amor um poema.  
Ah ! mas o mar é todo um soluço infinito  
Desde o dia em que a vaga atraçou Moema...

Repara como a vaga azul o dorso empina  
E se atira sobre outra e a esmaga, vencedora;  
Assim o meu amor te atira resupina  
E te esmaga e te vence a carne estonteadora



E estas ondas, na areia espraçadas e mansas,  
Recordam-me o teu corpo inundado de luz,  
Quando, farta de amor, no thalamo descansas,  
Olhos perdidos no ar, braços e seios nús...

Sejamos sempre assim: eu - mar apaixonado,  
Tu - praia que do oceano azul não se separa.  
E deixa-me sonhar com teu corpo adorado,  
Meu primor de estatuaria hellena, antiga e rara...

**Beijos.**

Beijos sem fim, beijos que não tem conta...  
Beijos sorvidos nos teus lábios, beijos,  
Ardentes como o Sol quando desponta  
E que as veias me escaldam de desejos,  
Esses hontem m'os deste, não ! - tomei-os  
Desesperado e tremulo e faminto,  
Esmagando - te espaduas, braços, seios,  
Num fremito de amor que ainda hoje eu sinto !

Tomei-os ! não ! bebi-os como bebe  
O sedento viandante a lymphia pura,  
Bebi-os nessa taça ardente de Hebe,  
Que é a tua bocca, ó esplendida figura  
De mulher victoriosa, altiva e egregia !  
Pomo de amor que os tropicos geraram  
E que alimenta o Sol, victoria-regia  
De volupia que os deuses não sonharam !...

Mas quanto mais os beijos se succedem  
Da tua bocca para minha bocca,  
Mais aos teus os meus lábios beijos pedem,  
Numa ardencia de Pan, sensual e louca.  
E quanto mais a tua bocca eu sorvo,  
Mais tenho sede e com mais ancia almejo  
Beijar-te a propria essencia, sem estorvo  
Da carne, a vida haurindo-te num beijo...

E nunca mais, que nunca mais podessem  
Sobre os teus outros labios descansar !  
E nunca mais, que nunca mais fizessem  
Teus labios a outros, que não meus, gosar !  
Bocca ! Não poder eu, apoz beijar-te,  
Numa attitude olympica e serena,  
Atirar-te de encontro ao Sol, quebrar-te,  
Como Petronio - a taça de Myrrhena !

Atirar-te de encontro ao Sol e ver-te  
Feita em pedaços contra o disco de ouro !  
Muito mais bello fôra do que inerte  
Vêr um dia o teu corpo, o meu thesouro...  
Vêr-te emfim muito ao alto, sequestrada  
Dos homens pela fôrça do meu braço,  
Desfeita pelo Sol e transformada  
Numa chuva de beijos pelo Espaço !...

## Recordações

(A Manoel Jalles)

Essa que amei, essa mulher ardente,  
Flôr subtil de reconditas reintrancias,  
Que rescendia a todas as fragrancias  
Da flora tropical do Continente;

Essa que tanta vez, evanescente  
Sobre os meus joelhos, toda beijos e ancias,  
Nunca esperou pedidos nem instancias  
Para offertar-me a polpa dehiscente,

Forte e sensual dos labios roseos e humidos,  
E as espaduas e o collo e os seios tumidos...  
Que é feito della ?... As horas que vivemos

Morreram como flôres, mas deixaram  
Vestigios e saudades que ficaram  
Desses instantes breves e supremos...



**Coronis e o Corvo**



## Coronis e o Corvo

O Corvo antigamente era alvo como o collo  
De uma garça real.  
Bello, airoso, feliz, predilecto de Apollo,  
Era naquelle tempo uma ave sem rival.

Nem os cysnes gentis, alvos como a candura,  
Que vivem a vogar sobre as aguas dos rios,  
Logravam ostentar nas plumas tanta alvura  
Nem no corpo ostentar tão alvos atavios.

Coronis era a mais formosa das mulheres:  
Trazia em cada olhar o brilho de um thesouro;  
Formavam sideraes, cambiantes rosiclères  
Em torno da sua fronte os seus cabellos de ouro.

Leve qual si levada ás azas de mil elfos,  
Era a flôr mais gracil de Laris da Thessalia;  
E Apollo, o Rutilante, Apollo, o Deus de Delphos,  
Por ella se esqueceu das graças de Castalia.

Coronis foi banhar-se ás aguas do Peneu.  
Era pela manhã. Helios doirava os montes  
E fazia vibrar em rutilo hymeneu  
Prados, veigas, vergeis, rios, caudaes e fontes...

Abeira-se do rio e, á sombra de um loureiro,  
Contemplando a caudal, erecto o porte celico,  
Parece offerecer a Zeus em captiveiro  
O corpo esculptural de marmore pentelico.

Approxima-se emfim das aguas; tira a tunica;  
Desnastra sobre o dorso as ondas dos cabellos,  
E subito destróe, numa victoria unica,  
O renome immortal dos classicos modelos.

Apparece-lhe o corpo immerso em plena luz,  
Antes de mergulhar nas aguas marulhantes,  
E logo do ar, de céos e terras corre a flux  
Toda uma multidão de deuses supplicantes ..

E Coronis, tranquilla, indifferente, impavida,  
Faz ao rio, com os pés, a primeira caricia,  
Que a lympha ha tanto tempo espera, afflicta e avida  
Por gozar do seu corpo a olympicá delicia.

A agua lambe-lhe os pés e oscula-lhe os artelhos;  
Beija-lhe o rio a curva esculptural da perna;  
Sóbe ainda, offegante, apegase-lhe aos joelhos  
E beija-lhe da coxa a Perfeição Eterna.



Avança mais acima e, rutilo, triumphal,  
Ebrio, tonto de amor, furioso, espumejante,  
Inunda-lhe a floresta espessa e virginal  
Que de ouro lhe recobre o delta fascinante.

Já não tem mais limite a furia do Peneu :  
Beija-lhe o ventre, o collo, o marmore dos seios,  
O corpo inteiro enfim, que se lhe offereceu  
E agora o corta a nado, em languidos meneios...

Apollo, do seu carro olympico e luzente,  
Vê Coronis deitar-se ás aguas venturosas,  
E logo a ella corre e vòaa, altipotente,  
Gritando o seu amor e atirando-lhe rosas.

Ella o vê, bello, nú, coroado de louro;  
E, o corpo a gottejar, qual fulgida cascata,  
Ganha de novo a praia, e em seus cabellos de ouro  
As gottas d'agua, ao sol, são guttulas de prata.

“Coronis, diz-lhe o deus, adoro-te assim, núa,  
No casto despudor de uma deusa mariuha !  
Não te pertences mais, nunca mais serás tua !  
E' minha, és toda minha, és para sempre minha !

Dar-te-hei o amor, a vida e quasi a divindade;  
Em troca me darás teus beijos aromaes !  
Coronis, que mulher existirá na Hellade  
Capaz de recusar o amor dos immortaes ? ”

Diz e, o corpo a tremer, os olhos incendiados  
Na chama de um amor olympico e fatal,  
Cinge-a contra o seu peito, accesos os sentidos,  
E dos labios lhe sorve a polpa virginal.

A natureza inteira em festa assiste á bôda...  
Delicia sem rival ! Quem haverá que a esboce,  
A Volupia sem par de um deus gozando toda  
A ventura do amor no delirio da posse !...

Mas um dia

Approxima-se o Corvo e diz a Apollo : “ o deus  
Formoso como o Sol, doce como a ambrosia  
Que Hebe só pôde dar na taça de ouro a Zeus !

Essa que ha tanto tempo adoras em segredo;  
Essa linda mulher que tu possues em Laris,  
E que em carnes de amor comparas a um vinhedo  
Que Dyonisos plantou para te embriagares;

Essa mulher trahiu-te, Apollo, essa mulher  
Não é digna de ti nem do teu grande amor."

--"Com quem?" pergunta o deus, todo em zelos a arder.

--"O infame, diz o Corvo, é Lysias, o pastor."

--"O' Zeus, ó Genitor dos deuses immortaes!

Fique eu, como Vulcano, horrendo, si jamais

Deixar impune a affronta!

E para castigar essa mulher escrava,

A Vingança vae já partir na argentea ponta

Desta setta que arranco á armipotente aljava!"

Disse e, vendo Coronis,

A' beira da caudal, mirando, como Adonis,

O bello rostó á flôr da *crystallina* *lympa*,

Retesa a corda, aponta a setta, alveja a amante;

A setta parte e zine e vò a e, num instante,

Trepassa o coração á descuidada *nympha*.

A misera, ferida, as mãos ao seio leva;

E logo, num clamor de angustia, ao ar se eleva

A sua voz num timbre agudo e *crystallino*:

--"Apollo! que te fiz para que assim me firas?"

Que te fiz eu, Amor, por te incorrer nas iras

E vires trespassar meu seio alabastrino?"

Eu juro por ti mesmo e juro pela Lua  
Que nunca te trahi ! Fui tua e sempre tua  
E ainda agora, ó deus, tua e só tua sou !  
Mas eu não morro só ! aqui dentro de mim,  
Como dentro de uma urna algente de marfim,  
Morre tambem um ser que o nosso amor gerou !...”

Descora-se-lhe a face;  
Brota-lhe á bocca a flôr de um sorriso fugace  
Como aroma subtil que a brisa traz e leva;  
Suspira, arqueja e cae;  
Num suspiro de amor a Vida se lhe vae...  
E Coronis entrou da Morte em plena treva...

Apollo comprehendeu...

Formidavel, augusto,  
Olympico, apollineo, erecto o altivo busto,  
Fulge do seu cabello, ao Sol, o brilho intenso.  
E contemplando o corpo exanime da amante,  
Elle quizera ter os musculos de Atlante,  
Para da immensa Dòr suster o pezo immenso.

Elle quizera vel-a  
 Vivida, sideral, como fulgida estrella  
 Scintillando no azul de um ceo escampo e limpo.  
 E para conseguir que ella voltasse á Vida,  
 Elle quizera ter dentro da alma dorida  
 Toda a fôrça de Zeus, toda a gloria do Olympo.

“A tua geração, Corvo, maldita seja,  
 Diz o Delphico Deus. Nunca mais eu te veja  
 Nem junto a mim nem junto ás aves albiptames !  
 Sê negro como a treva; e desta immensa dôr,  
 Que me fazes soffrer, todo o amargo travor  
 Teu peito vá ferir como espadas bigumes.

Eu sei que a mesma pyra ardente e crepitante,  
 Que o corpo vae cremar desta adorada amante,  
 Calcinará tambem meu coração divino...  
 Mas eu sou immortal. Nas dôres não me expando;  
 Por isso é que não vês os meus olhos boiando  
 Da Lagrima cruel no mar adamantino.  
 Desde a plumagem tua, o' Corvo, ao coração,  
 Sê negro como o reino escuro de Plutão !”

E á palavra do deus das adustões solares,  
 O Corvo, que até então era alvo, virginal  
 Como os niveos boraes palacios de crystal  
 Que a neve sóc erguer nas solidões polares,  
 Subito ennegreceu como ennegrece a Noite,  
 Ao sibilar do açoite,  
 Em igneas vibrações, das iras procellares...



## Crepusculo de amor

*Doces terras de Minas!  
Tardes de Sol! A' noite o Luar! Manhãs de bruma!  
Asperos alcantis molhados das neblinas...  
Armentos a mugir! Mattas a verdejar...  
E, sob um ceo azul, nuvens da côr da espuma  
Do mar...*

Sim ! Recordo-me bem. Passeavamos na matta,  
Quando a selva, a gemer de gozo, se desata  
Num espasmo aromal.

Eu andava a sonhar um sonho de Belleza,  
Virgem, grande, a surgir da alma da Natureza.  
Tudo a cantar. Vibrava a selva tropical  
Na transfiguração de um sonho universal.

Tudo alegre, a cantar, tudo verde e risonho.  
Cada tronco robusto idealisava um sonho  
De selvatico amor. Cada arvore sombria  
Era um hymno de fôrça, um canto de alegria  
Da Grande Mãe commum, da mãe sublime e casta.  
Que do seio da Terra a lactea seiva arrasta  
E a transforma em haslil, em tronco, em fructo, em flôres;

Em ramo farfalhante, em luz, em som, em côres;  
No sanguineo rubor das flôres que flammejam;  
Na alvura virginal das petalas que alvejam;  
Nas petalas azues, nas petalas doiradas;  
Nas que se abrem á luz das frescas madrugadas;  
Nas que, á noite, ao surgir da lua, sob o pallio  
Do ceo, abrem o seio ás caricias do orvalho...  
Como uma multidão de deuses e de nunes.  
Espalhavam-se no ar penetrantes perfumes,  
O cheiro capitoso, o perfume inebriante  
Da Natureza immensa, agreste, luxuriante.

E por entre o silencio augusto, conventual.

Da selva tropical,

Naquella solidão sensual, tranquillã e morna,  
Onde o mais leve som resôa e se prolonga,  
Soava as vezes o canto agudo da araponga  
Num timbre de metal batido na bigorna.

Então, Maria, eu vi que tudo nos chamava  
Ao chammejante amor que o sangue me escaldava,  
Ao embriagante amor, á vasta chamma ardente...  
Lembras-te ? Desde o sol, que andava para o poente,

Rescaldante, flammineo,

Em busca do seu leito incendiado e sanguíneo,  
Até ao scintillante, aureo, rutilo insecto  
Que em torno de uma flôr zumbia, ardente e inquieto,  
Querendo derramar o seu amor latente  
No calice innocente,

Tudo nos convidava ao mesmo amor, Maria !  
No entanto ( oh ! bem me lembra o instante fugitivo  
Em que fui teu vassallo, em que fui teu captivo ! )  
Tu ficaste marmorea, indifferente e fria,  
Passando pela fronte o lenço de escumilha,  
Absorta, desfolhando um ramo de baunilha  
Que tinhas entre os dedos !

Olhavas vagamente as arvores. Scismavas...  
Emquanto eu...escondia os intimos segredos  
Daquelle grande amor perdido ! Em ondas flavas,  
Fulgidas, palpitantes,  
Igneas, meridionaes, o sol os derradeiros  
Beijos de luz mandava ás arvores gigantes  
E aos cimos altaneiros..

E como o sol tombou nas chammass do occidente,  
Assim naquella tarde o meu amor fremente  
Tombou no seu occaso.

O luar, alvo, leitoso,  
Começou a surgir num crepusculo ancioso  
E tremulo, ó Maria!

Mas não foi sobre o mundo apenas que desceram  
As sombras em que a luz do sol cae na agonia;

Pois desde aquelle dia

As pobres illusões que alimentei morreram  
Como aves tropicaes lançadas sobre o gelo  
Das solidões polares.

Partiu-se elo por elo

A cadeia daquelle amor que despontava.  
Para sempre o destino em meu ser derramava  
Sombras crepusculares...

Tudo porque, Maria,  
Tu ficaste marmorea, indifferente e fria...





# Cavalgata

## da Morte

*Le vent gémit, le vent apporte  
L'immense rumeur des combats ?  
Vois passer la noire cohorte,  
Le sol tressaille sous ses pas.  
L'air est rouge, les cœurs livides,  
Sous le vol des corbeaux avides,  
Venus là pour ronger les morts.  
Et dans l'ardente chevauchée,  
Ainsi qu' une moisson fauchée,  
Tombent les braves et les forts.*

HÉLÈNE VACARESCO.

*(Chants d' aurore)*

( A Nestor Victor )

I

Campeiam sobre o mundo as hostes de Guilherme,  
E, numa estolidez monstruosa, immensa e estranha,  
Quer o mundo esmagar, como se esmaga um verme,  
O grande Timur-Leng Segundo da Allemanha !

Grecia, vem soccorrer os modernos hellenos !  
E tu, feroz Bulgaria, e tu tambem, Rumania !  
Russia, atira á batalha os guerreiros ruthenos !  
Cossacos, cavalgae os ginetes da Ucrania !

Cruza os mares do norte e do sul, Inglaterra,  
Com as tuas collossaes, cyclopicas esquadras,  
E manda convocar, por teus clarins de guerra,  
Os guerreiros da Escocia e os lanceiros de Madras !

Gentes do Montenegro, as curvas cimitarras  
Vibrae ! Eia ! Descei dos penhascos impervios  
E, ao bellicoso som das heroicas fanfarras,  
Andae a defender vossos irmãos — os servios !

França, povo de heróes, raça de paladinos,  
Entôa uma canção aos manes de Rolland,  
E vem, ao forte som dos teus antigos hymnos,  
Oppôr o peito heril ao novo Gengis-Khan !

Que a lamina fatal do montante francez  
A Aguia abata e depois... no proprio sangue alague-a !  
Vamos ! não fica mal ao pennacho gaulez  
Ter em volta de si algumas pennas d'aguia...

II

O coração gaulez é espada, é lança, é dardo,  
Quando vae combater dos barbaros a sanha.  
Quem sabe manejar a espada de Bayardo  
Que mêdo póde ter á espada da Allemanha ?

Nas praias aromaes da terra de Abelardo,  
Em suave tepidez Venus as fórmas banha,  
Ouvindo como canta ao longe a voz de um bardo  
Uma historia de amor ou uma heroica façanha...

E' um cantico revel, rubro como cinabre,  
Que impelle a alma gauleza á attitude triumphal,  
Cada estrella que luz, cada rosa que se abre,

No firmamento azul, no alegrete aromal.  
Não ha canto da Gallia onde a lança e onde o sabre  
Não hajam cinzelado uma proeza immortal...

Fallam terras de França

III

Passaram sobre nós as hostes da Allemanha  
Como sobre os vergeis perpassam vendavaes...  
Desde os mares do sul ás aguas da Bretanha  
Sentimos do terror os fremitos mortaes.

Não amedrontam mais os sísmicos abalos  
As doces provações de Reggio e de Cattania,  
Que o estrepito feroz das patas dos cavallo  
Que atiram sobre nós as hordas da Germania

Filhos de Wittikind, d'Attila e de Alarico,  
Irrompem como o sopro ardente das procellas.  
Ter-lhes-ia ensinado o Grande Frederico  
Como incendiar Louvain, Liège, Dinant, Bruxellas ?...

Mas nós temos ainda escudo, espada e lança  
E os rijos corações dos heróes da Gasconha;  
Nem deixamos morrer as flôres da Esperança  
A' sombra dos vinhaes ridentes da Borgonha.

Para elles a batalha é uma rutila festa;  
São ainda os heróes dos prelios de São Luiz.  
Sabem terçar a lança e, gravadas na testa,  
Como gottas de luz, trazem flôres de Lys...

E nós, que somos mães, nós as terras de França  
Havemos de nutrir o seu vigor estoico ;  
É seu o nosso leite, a fartura, a abastança;  
Nós somos, todas nós, do defensor heroico...

IV

Fallam Capellas

Somos innumeras, talvez  
Não haja terra onde haja tantas;  
A arte serena que nos fez  
Quebrou depois moldes e plantas...

Nós somos únicas, talvez  
Não haja terra onde haja eguaes;  
A Arte serena que nos fez  
Não quiz tivéssemos rivaes.



Nós somos candidas, talvez  
Outras não haja assim tão claras;  
A Arte serena que nos fez  
Nos deu poder de sermos raras...

Lá do outro lado, ali, naquella  
Que tem do Sena aguas visinhas,  
Rezava Branca de Castella.  
Ouvimos suspirar rainhas...

A' vizinhança dos guerreiros,  
Tremem as candidas capellas,  
Como ás ameaças dos lanceiros  
Tremem as tímidas donzellas...

Ouvimos suspirar princezas  
Ao som dos hymnos do Ritual.  
Nós dominamos as devezas  
Como altos ninhos do Idéal...

Poupae-nos, barbaros, nós somos  
Feitas de Paz e de Esperança.  
Contende os bellicos assomos,  
Porque pisais terras de França...

Fallam Cathedraes

V

Cantam dentro de nós estranhos mysticismos  
Nos plinthos, nos vitraes, ogyvas e rosaceas;  
Vimos da velha crença os fortes paroxismos,  
De monjas spectraes nas olheiras violaceas...

Entraram — quanta vez ? — sob estas arcarias  
Cavalleiros marciaes vindos da Terra Santa;  
Elles vinham cantando as graves litanias  
Entoadas ao redor da Campa Sacrosanta.

Elles vinham d'além, trazendo, nos escudos  
Insculpidas, tenções de fé aureas e ovantes,  
E depunham no altar os elmos ponteagudos,  
Os guantes, os punhaes, as lanças e os montantes.

Debaixo das ovaes abobadas sombria ,  
Que longo murmurar ciciante de orações !  
Parecem despertar phantasticas magias  
As preces a brotar de tantos corações.

São como cathedraes as almas pensativas:  
Mais alto é o seu scisnar que as torres de granito;  
Ergue dentro de si plinthos, vitraes e ogyvas  
Quem se lança no Espaço em busca do Infinito...

## CAVALGATA DA MORTE

Ouvimos suspirar as noivas dos guerreiros  
Que lidavam ao longe, em busca de aventuras...  
Ellas vinham pedir que os rudes cavalleiros  
Fossem grandes heróes de indomitas bravuras.

Ouvimos suspirar noivas de marinheiros,  
Que andavam pelo mar em tormentas e agruras;  
Ellas vinham pedir que os bons aventureiros  
Voltassem breve aos seus amores e ternuras...

Nós ouvimos chorar reis, bispos e princezas  
E ouvimos soluçar mulheres indefesas,  
Temendo do inimigo o ataque e o desembarque.

Nunca tivemos medo e hoje medo não temos;  
Nós somos immortaes, barbaros não tememos,  
Porque ximos vencer São Luiz e Joanna d'Arc...

VI

Elsa e Lohengrin

*Elsa*

Outrora eu consultava as fadas do Brabante.

Vogavam cysnes sobre o Escalda...

Não te lembras, Lohengrin, de uma tarde radiante  
Que sobre os teus pousei meus olhos de esmeralda?

*Lohengrin*

Elsa que solidão nas terras brabantinas !

Silentes como o Tempo, os rios e os ribeiros

Correm... Não vejo mais nem fadas nem ondinas

Nem castellos feudaes nem reis nem cavalleiros !

Onde estarão agora os cavalleiros rudes,

Os valentes de outrora, os heróes do montante ?

Onde estarão agora os cysnes, a que alludes,

Airosos e gentis, ó Elsa de Brabante ?

*Elsa*

Que sei ?... Olha, não vês além um corpo exangue,

Tendo na mão crispada o gladio ? E' um combatente...

Olha o rio — não vês ? — rubro, tinto de sangue...

Mas não terei talvez um sonho de demente ?

*Lohengrin*

Que immensa dôr tens tu no olhar esmeraldino!  
Tambem vejo os signaes do excidio immenso e hediondo...  
Quem sabe si estará no threno brabantino  
O cruel Telramondo ?

Vê como os corpos dos heróes  
Juncam as veigas resequidas:  
São como flôres destruidas  
Pelo calor de muitos sóes...

Tudo destruido, tudo — o templo silencioso,  
Os parques do castello, as veigas e as campinas  
Que pareciam ser o reflexo harmonioso  
Da côr que tu possues nas pupillas divinas...

*Elsa*

Pobre rio de outrora ! E' uma caudal sanguinea,  
Como si reflectisse a imagem torturante  
De um céu em chammas... Onde, a corrente azulea  
Em que o cysne te trouxe ás terras do Brabante ?

*Lohengrin*

Fujamos, Elsa minha, ás tragicas visões  
Das terras devastadas !  
Vem respirar commigo as auras perfumadas !  
Vamos, depois de unir os nossos corações,  
Aos mundos sideraes das deusas e das fadas !...



# Sombra querida...

*A' Sombra de minha Mãe  
Dona Maria Amelia dos Santos Torres,  
fallecida em Minas  
em MCMXV*



*Sombra querida, sombra inspiradora !  
Sombra de um templo ideal que atra procella  
Despedaçou ! Sombra consoladora !*

*Aza de colibry, rosa singela !  
Murmurio de vaga emballadora !  
Brisa beijando a alvura de uma vela...*

*Sombra de um mundo luminoso e casto !  
Sombra de mim, sombra de minha vida,  
Sombra de um tempo venturoso e fasto !*

*Sombra, ao luar, da torre de uma ermida !  
Sombra feliz de um sonho egregio e vasto !  
Sombra de minha Mãe, sombra querida...*

*Eu te escuto das vagas num suspiro;  
Numa nuvem longinqua eu te presinto;  
Busco ver-te do Sol no eterno gyro.*

*Busco no azul do mar a tua imagem;  
Busco-a do Sol nos raios e nas flammæ;  
Busco-a no azul dos céos, no Luar, na aragem,*

*Dos aranhóes nas transparentes tramas  
E no rumor dolente da folhagem...  
Busco-a nos poentes côr de cinza e chammas,*

*Nos mundos sideraes, nos arrebóes,  
Nos esplendores tropicaes, nas côres,  
Nas estrellas, nos astros e nos sóes...*

*Busco-a nos prados, nos vergeis, nas flôres;  
Busco-a na luz mortiza dos pharóes  
E nas velas dos pobres pescadores...*

*Quantas vezes, á noite, contemplando  
As luzes fugitivas dos navios  
Que docemente as vagas vão singrando,*

SOMBRA QUERIDA

*Não procuro, nos suaves arrepios  
Das ondas, divisál-a navegando  
À flôr azul dos mares fugidios !*

*Sombra adorada, sombra seductora  
Dessa que jaz no tedio sepulcral,  
Dentro da grande Mãe germinadora...*

*Sombra-espectro de flôr, sombra outomnal !  
Sombra querida, sombra inspiradora !  
Sombra materna, sombra espiritual !*

*Sigo-te ... Desde o despontar da aurora  
Eu te procuro pelo céo profundo...  
Sombra, si és flôr, és uma passiflora !*

*O' sombra em cujo amor todo eu me inundo !  
Sombra que eu sigo pela vida em fóra !  
Sombra que eu seguirei de mundo em mundo...*



II

Não posso conceber-te inanimada,  
Fria e impassível num caixão funereo.  
Não posso conceber-te sepultada  
Na frigida mudez de um cemiterio.

Quando eu parti—manhã sempre lembrada!—  
Eras forte e feliz; tinhas o imperio  
Sobre ti mesma. Estava longe o Nada,  
Estava longe o sepulcral Mystério...

Hoje dizem que és morta e que descansas  
D'algum triste cypreste sob as franças,  
Na solidão da campa abandonada...

Restam de ti os ossos, a caveira  
E esta saudade! Ah! não! por mais que o queira,  
Não posso conceber-te inanimada.

Esta manhã, minha janella abrindo,  
Não sei, senti nas arvores fronteiras,  
Desde a raiz ás franças altaneiras,  
Alguma coisa como tu sorrindo.

É que este ardente sol, glorioso e lindo,  
As auras perfumadas e fagueiras,  
Tudo lembrava essas manhãs mineiras  
Em que eu ia saudar-te alegre e rindo.

Não posso imaginar-te, ó Mãe, sem vida.  
Vives de certo na alma indefinida  
Das coisas, por secreta e occulta lei...

Vives na grande musica dos seres,  
Na harmonia, na luz, nos rosicleres,  
Sombra de um bem que nunca mais verei!...

IV

Ora, esta noite constellada e clara,  
Quando, só, no meu quarto eu penetrava,  
Pela janella semi-aberta entrava  
A luz do Luar numa fulgência rara.

Não sei si, quando viva, meditaste  
Alguma vez sobre a tristeza immensa  
Dessa luz sepulcral no ceo suspensa  
E fixa como a perola no engaste.

O pobre Luar... É o velho solitario  
Que vive como a aranha no aranhol.  
É o eterno mendigo do Estellario:  
Vive das sobras que lhe manda o Sol...

Parecia dizer-me tristemente:  
“ Vim ver-te. Aqui me tens. Dá-me um abraço ! ”  
E como eu soluçasse, docemente  
O Luar tornou-se merencoreo e baço.

## SOMBRA QUERIDA

Uma nuvem passou-lhe pela frente,  
Côr de leite, velando-lhe o esplendor;  
Outra, liquida, branca e transparente,  
Velou-me os olhos com um sendal de dôr...

Foi o teu ser, ó Mãe, que disfarçado  
Na argentea candidez do plenilunio,  
Veio ainda uma vez, neste infortunio,  
Beijar a fronte ao filho abandonado...

## V

Aquella torre esguia e solitaria  
Tem nas sete janellas sete sinos  
Que tangem sob o Luar cantantes hymnos  
De uma doce plangencia funeraria.

Ouçó-os de noite, á sós, quando, á janella,  
Procuro divisar teu vulto amado  
Na etherea timidez d'alguma estrella  
Ou na alvura do Luar immaculado.

SOMRRA QUERIDA

Ouço-os. Era de certo assim que outrora,  
Quando á noite morria uma princeza,  
Choravam logo pela noite em fóra  
Todas as altas torres da Tristeza.

Todas as virgens que restavam vivas,  
Cantavam pelas notas argentinas,  
Pelos arcos de todas as ogyvas,  
Pelas flôres de todas as campinas. .

Cantam, na voz dos sinos desferida,  
Todas as grandes vibrações humanas.  
Cantam todas as dôres desta vida  
Nas notas vesperaes destas campanas.

E' essa voz que recorda a côr lilaz  
E as dolencias liturgicas dos psalmos  
Lembra-me a solidão dos sete-palmos  
Da terra em que teu corpo dorme em paz...



VI

Irmãos ! ó vós que a vistes dominada  
Pela fôrça lethargica da Morte,  
Como arvore de subito arrancada  
Pelo arranque cyclopico do Norte !

Dizei-me vós si o gume de uma espada  
É, mais do que esta magua, atroz e forte !  
Dizei-me vós si ha dôr mais acerada  
Que este infortunio que nos coube em sorte !

Dizei-me, Irmãos, não brotam mais os lyrios ?  
Vinde lenir-me intimos martyrios  
Que o canto do heptacordio não conforta...

Vinde arrancar-me ao peito a magua infinda !  
Vinde dizer-me si ella vive ainda !  
Dizei-me, Irmãos, dizei-me si ella é morta !...

VII

Eis que te foste para o Além ! Partiste  
Faces de santa, o coração contricto,  
Como suave oração de um velho rito  
Psalmodiada ao gemer de um órgão triste...

A derradeira vez que me sorriste  
Eu te sorri, mas antevendo, afflicto,  
Que breve ias fugir para o Infinito;  
E esta Saudade agora o diz:- fugiste...

Mãe ! si o destino permittisse um dia  
Que eu te visse outra vez, gozo me fôra  
Seguir-te á campa solitaria e fria.

A mim, sem ti, mais val morrer, Senhora,  
Que viver nesta funda nostalgia,  
Morrendo dia a dia e de hora em hora...

**FINIS**

## NOTA-POSFACIO

*Com este livro, que é o primeiro que atiro aos azarres da publicidade e que espero não seja o ultimo, não pretendo entrar nem para a Academia nem para a Camara dos Deputados, nem mesmo para o Conselho Municipal. Lanço-o sem falsa modestia, sem vaidade e sem prefacio. É possível que não seja um primor. Creio tambem que não é nenhuma ignominia. Dizia Goethe não haver livro, por peor que fosse, em que se não respigasse alguma coisa boa. O encontrar coisas boas num livro depende apenas de saber ler — idéa esta já bem velhazinha, conforme o conhecido verso de Terencio, verso já tantas vezes citado, que parece *locus communis*: Pro captu lectoris habent sua fata libelli...*

*Quanto á critica, nunca perco de vista aquillo de La Bruyère: L'on devroit aimer à lire ses ouvrages à ceux qui en savent assez pour les corriger et les estimer. Ne vouloir être ni conseillé ni corrigé sur son ouvrage est un pédantisme. Il faut qu'un auteur reçoive avec une égale modestie les éloges et la critique que l'on fait de ses ouvrages.*

*E todavia é evidente que allusões e ataques pessoais não são propriamente critica...*

A. T.



# INDEX





# INDEX

## VIBRAÇÕES

Sonhador	PAGS. 5
Sylvae amor	6
A' Jesus que se chama Christo	9
Cedros	12
Tannhäuser	13
Manon	17
Carmen barbarum	18
A Tristeza dos Corvos	22
Sorriso de Gioconda	23
A' Musa	24

## LIVRO DE EROS

Deusa ignota	27
Aspirações	28
Poemeto dos olhos	33
O escriptorio	37
Scherzo...	38
Copacabana	40
Beijos	42
Recordações	44
Coronis e o Corvo	47
Crepusculo de amor	54

## CAVALGATA DA MORTE

I	59
II	60
Fallam terras de França	61
Fallam Capellas	62
Fallam Cathedraes	64
Elsa e Lohengrin	66

## SOMBRA QUERIDA

I	70
II	73
III	74
IV	75
V	76
VI	78
VII	79

## ERRATA

- A' pagina 18, na 5ª quadra, o 2º verso leia-se assim :  
*Sorri a todosos males;*
- A' pag. 29, 2ª. estrophe, 4º. verso, leia-se assim :  
*O ouro todo do Sol, toda a prata do Luar;*
- A' pag. 79 1º verso do 1º quarteto, leia-se assim :  
*Eis que te foste para o Além! Partiste,*

TYPOGRAPHIA  
DA  
LIVRARIA CASTILHO  
RIO DE JANEIRO





